



A QUESTÃO SOCIAL DENTRO E FORA DO METAVERSO: os ensaios de um assalto do capital monopolista internacional à Web 3.0

MOLARDI, Germano¹

RESUMO: O presente artigo consiste em um ensaio teórico-reflexivo acerca da relação entre o desenvolvimento da questão social no Brasil e a assimilação, pela nossa economia política recente, de novos artefatos tecnológicos como *softwares* de logística de pessoas e mercadorias – expressos em aplicativos como *Uber* e sua correlata plataforma para *deliverys* de comida, a *Uber Eats*. Parte do caminho para essa análise, contudo, é que consiste no presente artigo: com auxílio de bibliografia pertinente no âmbito da filosofia e aproximando-se ainda sutilmente do serviço social e de seu problema fundante, o presente trabalho parte de uma expressão contemporânea dessa assimilação estranhada de novas tecnologias – o lançamento, por Mark Zuckerberg, do Meta – e analisa a partir de um ponto de vista filosófico, atendo-se apenas brevemente às questões relativas à economia política – para perguntar-se: por quê aceitamos tão docilmente técnicas e tecnologias que nos dilaceram?

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias da informação e comunicação; Questão Social; Metaverso

1 O Metaverso: aspectos da sua forma segundo o próprio criador

No final de 2021, o sr. Mark Zuckerberg veio a público apresentar uma modificação na sua empresa, que se chamava Facebook. Plasmando-a essa rede social junto às demais plataformas (Instagram e WhatsApp, por exemplo) que constituem sua propriedade, o sr. Zuckerberg criou o Meta, o qual (segundo ele) expressa melhor e de forma mais extensa os objetivos de sua empresa dentro de um novo contexto de desenvolvimento da internet, o alvorecer da *Web 3.0*. Em outras palavras, o sr. Zuckerberg propôs uma readequação de marca a partir dessa nova condição para os próprios empreendimentos, colocar o *Facebook* como mais uma das experiências que o usuário do *Meta* poderá obter, entre todas as demais pretendidas a povoarem a experiência da internet, por parte de suas usuárias e usuários, nesse novo momento histórico de sua existência.

Já no final de sua apresentação, o sr. Zuckerberg marca (segundo seu entendimento) a diferença do *Meta* com relação às demais redes sociais e empresas de tecnologia consistiria na suposição de um fato: de que o primeiro se preocupava antes em conectar pessoas com

¹ Jornalista pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Doutorando em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail para contato: germanomolardi@gmail.com.

peças, enquanto as segundas teriam como objetivo primordial conectar pessoas com tecnologias (ZUCKERBERG, 2021). Estaria justificada, portanto, a troca de nome, porque mais do que uma rede social que se transformou em um lugar no qual as pessoas fazem comércio, o *Meta* continuava essencialmente movido pela vontade de seus criadores em conectar pessoas, independentemente dos meios. Tal justificativa só aparecer no final da apresentação deveria ser produtivo, afinal todo o vídeo não consistia em outra coisa senão numa propaganda de uma nova gama de produtos e serviços a atrair investidores, os quais detêm mais capitais para se objetivarem o/no *Metaverso* além daqueles de que dispõe o sr. Zuckerberg para mover e sustentar ele próprio, isolado, o seu próprio projeto. Há, contudo, uma razão de fundo para essa readequação, que não aparece na apresentação (e nem poderia, seria exigir honestidade demais da parte de um burguês): a crise em que se encontra o capitalismo monopolista em escala internacional. Acerca justamente dessa crise que precisa ser falado quando aparece como necessidade povoar o mundo com uma nova forma de existência de objetos que já perfazem nosso cotidiano. Diz Zuckerberg (2021),

Isso é o que quero dizer com uma internet objetiva. Em vez de olhar para as telas, você estará nas distintas experiências. Tudo que fazemos online hoje, conexões sociais, entretenimento, jogos, trabalho, será mais natural e vívido. Não se trata de passar mais tempo em frente às telas, mas de melhorar o tempo que já gastamos em frente a elas. As telas não podem comunicar totalmente a expressão humana e suas conexões, não podem entregar o sentimento profundo de presença, mas a próxima versão da internet poderá.

Ou seja, mais do que apenas constituir novas tecnologias a serem cristalizadas em aparelhos como telefones, computadores, *tablets*, o *Meta* do sr. Zuckerberg propõe a inserção de geladeiras, relógios, carros, sofás, luzes, plantas, animais dentro dessa “realidade aumentada”, tornando-os objetos conectados entre si e, por fim, com suas usuárias e usuários. O *Metaverso* não seria mais um espaço de experiência desassociada por telas do cotidiano “não-virtual”; seria, ao contrário, “virtualizado”: isto é, sobreporiam-se camadas da realidade, a partir da inserção de projeções cognitivas realizadas por objetos, os quais estariam vinculados à corporeidade de usuárias e usuários². Para além disso, a imersão em jogos e compromissos estaria também modificada: não mais reuniões em salas fechadas ou em *softwares* de chamadas de vídeo e áudio, mas a capacidade de projetar espaços na virtualidade em que as e os participantes das distintas reuniões estariam expressadas e ilustradas através de *avatars*. Na educação, diz o sr. Zuckerberg, a experiência de estudantes seria de uma aproximação mais imersiva com os conteúdos das distintas disciplinas. O *Metaverso* poderia produzir ilustrações mais “presentes” na realidade do que

² Por exemplo, um óculos gigante e pesado seria substituído por um óculos usual, capaz de internamente à sua estrutura interpretar os dados da realidade de usuárias e usuários, os quais estariam sistematizados no demais objetos presentes no contexto dessas últimas.

antes ou, em outras palavras, a reprodução de *softwares* em terminais de conexão, vinculados pela fiação dentro de uma mesma sala seria substituída pela utilização de projeções cognitivas dos conteúdos distintas daquelas restritas aos livros, à oralidade professoral, ao audiovisual, considerando-se seus usos isolados. Por sua vez, de acordo com o sr. Zuckerberg, praticar exercícios físicos no *Metaverso* consistiria na possibilidade de experienciar lugares do mundo a serem projetados cognitivamente, bem como a experiência de realizar essas atividades com pessoas comumente interessadas nas mesmas modalidades esportivas em outros países. Assim, seriam nuançadas as distinções entre a realidade e virtualidade para a experiência dos jogos, a partir de uma imersão ilustrativa em uma projeção ótica, sonora, sensitiva para imitar a proposição de desafios lógicos em cenários e tempos determinados:

 Espesso
 como uma maçã é espessa.
 Como uma maçã
 é muito mais espessa
 se um homem a come
 do que se um homem a vê.
 Como é ainda mais espessa
 se a fome a come.
 Como é ainda muito mais espessa
 se não a pode comer
 a fome que a vê.

A inserção de uma parte do poema “O Cão sem plumas” de João Cabral de Melo Neto consiste numa provocação: o sr. Mark Zuckerberg não propõe nenhuma sugestão sobre como tornar aspectos cognitivos como o olfato e o paladar mais imersivos, por uma razão simples: ele nem poderia. Há, é verdade, aspectos que podem se reproduzir num espaço controlado (como a disposição de certos cheiros para vivenciar um jogo, ou a colocação de um prato de comida com esse mesmo objetivo), mas eles jamais poderão se sobrepor à realidade como acontece com outras dimensões cognitivas humanas. Comer é comer e não há recuo das barreiras naturais que suprima essa condição. E isso vale para as demais, entre outras: dormir é dormir, ir ao banheiro continua sendo ir ao banheiro, transar é transar, banhar-se é banhar-se. Contudo, diz o sr. Zuckerberg, no *Metaverso* a usuária ou usuário

 estará apto a fazer qualquer coisa que imaginar: [juntar-se] com amigos, família, trabalho, aprendizado, jogos, compras, criações com base em novas categorias que não se encaixam no modo como pensamos acerca de computadores e telefones atualmente. Agora, já que estamos fazendo isso remotamente, eu pensei: vamos fazer isso de um jeito especial. Então, colocamos juntas algumas coisas que eu penso que realmente vai dar [aos usuários e usuárias] uma sensação acerca do que o futuro poderá ser. Acreditamos que o *Metaverso* será o sucessor da internet móvel: estaremos aptos a nos sentirmos presentes, com as pessoas, independentemente de quão longe estivermos de fato; estaremos aptos a expressar nós mesmos em formas alegres e completamente imersivas que irão liberar um monte de novas experiências incríveis (ZUCKERBERG, 2021, grifos do autor).

No decorrer de sua apresentação, o sr. Zuckerberg mobiliza alguns recursos de oralidade que se voltam à apresentação da “novidade” representada pelo *Metaverso* no sentido de torna-la atrativa para investidores, mas também para o público em geral – considerando-se esse como um todo heterogêneo formado por usuários, desenvolvedores de plataformas, criadores de conteúdo – a ser inscrito nessas novas experiências decorrentes da complexificação da internet:

Assim como a internet hoje em dia, muitas pessoas estão tendo a liberdade de procurar modelos de negócios que funcionam para elas, sejam trabalhos de customização, escrita, inscrição, anúncios ou outras formas de monetização que talvez só farão sentido no Metaverso. Pense em quanta gente tem sobrevivido com a internet hoje em dia e quanto desses trabalhos sequer existiam há alguns anos atrás? Eu espero que o Metaverso crie muitas oportunidades para as pessoas desse mesmo jeito. Nós confiamos nessa direção e nós estamos investindo significativamente para construir esse futuro, mas a verdade é que ninguém sabe que modelos vão realmente funcionar e serem sustentáveis, e nós queremos trabalhar nisso com humildade e abertura e vamos trabalhar com qualquer pessoa que queira oferecer ajuda para trazer o Metaverso à vida (ZUCKERBERG, 2021).

O sr. Zuckerberg trabalha com a possibilidade e a vontade de que seus serviços sejam gratuitos e que a audiência possa acessá-los com a condição de que haja anunciantes nos espaços das plataformas que subsidiem o funcionamento delas. Contudo, ele próprio reconhece a necessidade de estabelecer custos para o uso de algumas das ferramentas que o *Meta* disponibiliza ou disponibilizará. Cita, ainda, as experiências de criptomoedas e de uma circulação distinta de dinheiro no espaço do *Metaverso*. Importa, contudo, apontar uma questão nesse projeto. O sr. Zuckerberg não explica exatamente como, em quais condições históricas será possível a objetivação do seu projeto, mas o faz pretendendo-se universal enquanto unidade capitalista apta a realizar esse futuro. Que o novo símbolo de sua empresa seja o infinito não é mera coincidência, é projeção típica de todo capital monopolista: exercer sozinho o controle sobre uma determinada etapa do desenvolvimento das forças produtivas, isto é, dominar a nova constituição da interconexão e provisão de funcionamentos relativamente autônomos dos aparatos tecnológicos.

Para o presente artigo, importa situar o insucesso do sr. Zuckerberg na sua empreitada. No início de 2022, o *Meta* teve suas ações em queda livre, despencando da sexta maior companhia do mundo para fora da lista das dez primeiras. Se, antes dessa queda (em setembro de 2021), valia mais de um US\$ 1 trilhão, em 2022 o *Meta* passou a valer em fevereiro pouco mais da metade desse valor, cerca de US\$ 560 bilhões. De acordo com o próprio sr. Zuckerberg, a empresa chinesa *TikTok* seria a grande competidora e responsável pela queda no número de usuários de suas plataformas. O projeto de uma nova internet mais imersiva, a *Web 3.0*, apresentado no programa *Connect*, ao final de 2021, precisará esperar

– e não apenas pelas razões da queda dos rendimentos do *Meta*, mas por questões materiais mais profundas, as quais se pretende indicar nas próximas seções do presente artigo³.

2. Breve excursão para o entendimento do que são as TICs e seu *momentum* no Brasil

O presente artigo parte de uma compreensão ontológica das tecnologias da informação e comunicação – as TICs. Ainda que em algumas tradições teóricas a ideia de ontologia não consista num contrassenso quando e se relacionada à metafísica, nesse artigo o uso de uma crítica ontológica articula-a de forma distinta: a ontologia é, aqui, uma crítica à metafísica, porque não parte de outra coisa senão do trabalho para explicar as categorias que pretende explicar. Portanto, são das relações que o ser social estabelece com as formas orgânicas e inorgânicas de existência, bem como nas relações que se estabelecem entre seus próprios exemplares, que se pretende explicar a gênese das TICs, seu desenvolvimento, além das dinâmicas contemporâneas de produção dessas tecnologias, seus usos e contradições.

Por um critério de razoabilidade, cabe apenas mencionar que a segunda metade do século XX é parteira de nossa cibernética moderna. A interconexão de múltiplos terminais de comunicação é desenvolvida em diversos países em períodos correlatos. Existem, de forma simultânea, as iniciativas estadunidenses (pós-Segunda Guerra Mundial e no contexto da Guerra Fria tendo-se como recurso argumentativo a iminência de ataques nucleares pela União Soviética), as iniciativas europeias, a iniciativa chilena e também a soviética (CASTELLS, 2011; MEDINA, 2014; PETERS, 2017). Faz-se mais fácil, por certo, encontrar extensa referência sobre a história dos vencedores nessa corrida pelo desenvolvimento das forças produtivas, de modo que são os EUA que figuram como centro produtor dos *hardwares* e *softwares* que preenchem atualmente o nosso cotidiano.

As TICs, contudo, partem de um princípio básico de funcionamento: os transistores. Os *notebooks*, computadores, telefones móveis, *tablets*, bancos de dados, aplicativos, jogos, plataformas – e outros dispositivos com os quais estamos habituados – dependem fundamentalmente da capacidade que o ser social adquiriu de, ao manipular substâncias químicas dentro de campos magnéticos aplicando neles correntes elétricas, determinar ações como o ligamento e desligamento de telas, a capacidade de fazer operações de cálculos, de processar imagens e dados⁴, de fazer *upload* e *download* de arquivos. A elementaridade dos

³ Zuckerberg destronado: o que aconteceu para a Meta, dona do Facebook (FBOK4), sair da lista das dez maiores empresas do mundo? Disponível em <<https://www.seudinheiro.com/2022/empresas/zuckerberg-destronado-o-que-aconteceu-para-a-meta-dona-do-facebook-fbok4-sair-da-lista-das-dez-maiores-empresas-do-mundo/>>. Acesso em mai. 2022.

⁴ Transistors & The End of Moore's Law: neste video, disponível no Youtube, o professor Andrea Morello, da Universidade de New South Wales, explica a função dos transistores e o processo de diminuição do tamanho desse componente elétrico. Disponível em. <https://www.youtube.com/watch?v=rtl5wRyHpTg>. Acesso em mai. 2022.

transistores se esconde pelos componentes maiores de que esses fazem parte, os quais foram desenvolvidos na proporção em que diminuíram de tamanho – a chamada miniaturização, que permitiu que computadores que antes ocupavam uma sala hoje ocupem (com capacidade muito maior de armazenamento e processamento de dados) o bolso de nossas calças, mochilas ou jaquetas.

A breve descrição acima realizada serve apenas como recurso de aproximação à uma teorização mais abstrata (contudo, voltada à concretude) sobre a categoria trabalho. Diz-nos Marx (2013, p. 255):

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [...]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio.

Marx (2013) descreve, nessa circunstância, a relação dialética estabelecida entre a causalidade e a teleologia no processo de trabalho. Em outras palavras, a diferença entre o ser social e as formas de existência que lhe antecedem para produzir as condições de produção e reprodução de sua própria espécie consiste, por parte do ser social, na capacidade de idealizar previamente os resultados de sua própria intervenção na realidade e orientar a sua vontade à consecução desses resultados. Desse modo, de acordo com Marx (2013, p. 256), “os momentos simples do processo de trabalho são, em primeiro lugar, a atividade orientada a um fim, ou o trabalho propriamente dito; em segundo lugar, seu objeto e, em terceiro, seus meios”. Acerca desses últimos, que ocupam papel importante para o presente artigo, importa apontar que são deles utilizadas as suas propriedades mecânicas, físicas e químicas no sentido de que, assim, se possa intervir sobre os objetos do trabalho propriamente dito com maior facilidade e, portanto, menos dispêndio de força (VIEIRA PINTO, 2005a, p. 170):

O curso do desenvolvimento, fazendo-se no sentido de dotar o homem [*sic*]⁵ de um poder cada vez maior sobre a natureza, tem por definição, e em termos absolutos, o valor de um processo libertador do trabalhador, livrando-o daquilo para ele é mais penoso, o dispêndio de energia muscular, no caso das massas oprimidas agravado pela falta de acesso aos proveitos que deveria lhes proporcionar. Se as máquinas produzem mais e melhor, a humanidade, enquanto sujeito histórico único, está em princípio se beneficiando.

⁵ Coloca-se aqui uma nota no sentido de corrigir Álvaro Vieira Pinto quanto à correção da categoria homem para se referir a todo exemplar do gênero humano. As demais citações utilizadas do autor em questão manterão a escrita dele conforme a edição utilizada, ficando a critério da leitora ou do leitor ajustar a própria leitura no decorrer dela.

Importa, portanto, não reduzir a técnica a uma força que deteriora o homem, mas refletir criticamente acerca das condições históricas e que relações sociais de produção e reprodução da vida humana estão colocadas pelas forças econômicas e políticas dirigentes para o desenvolvimento dessa técnica, também particular e situada historicamente. Diz Vieira Pinto (2005, p. 167) que “a técnica, em si mesma eticamente neutra, jamais poderia converter-se em devoradora do homem, em aniquiladora da riqueza espiritual”. Contudo, se o faz, não é pelas implicações da técnica, em si mesma, mas pela subordinação dessa às formações sociais historicamente particulares que determinam seus usos. A técnica consiste justamente no processo de generalização de certas formas contraditórias estabelecidas na relação entre o ser social e a natureza que homogeneizam, em si, procedimentos, meios de condução dessa relação que já não mais guardam o estatuto de singularidade, podendo-se estender qualitativa e quantitativamente para outros momentos do trabalho – daí sua condição *sine qua non* com a própria “condição humana”. Resultam, desses sucessivos e simultâneos processos de relação do ser social com a natureza suas sínteses cristalizadas, nas quais se estabelecem nexos lógicos limitados às circunstâncias históricas que as produziu, as tecnologias. Em outras palavras, as tecnologias derivam da técnica, sendo entendidas como epifenômenos dessa última, que com ela estabelecem relações de codeterminação na medida em que constituem um mesmo *momentum*, o de prevalência de uma determinada forma de relação do ser social com a natureza que pode e deve ser suplantada assim que surjam novas necessidades a serem atendidas pelo desenvolvimento de novas técnicas e, portanto, de novas tecnologias.

Levando-se em consideração o objetivo do artigo, referente à análise crítica do *Meta* partindo da apresentação desse projeto de utilização e desenvolvimento da *Web 3.0* pelo seu próprio propositor, parece suficiente essa caracterização para analisar-se em que *momentum* se encontra o Brasil, como país da periferia capitalista no qual se apresenta como contemporâneo e predominante, ainda, uma dialética da dependência (MARINI, 2000) para assimilar o projeto cristalizado no *Meta* do sr. Zuckerberg no limite de suas fronteiras enquanto Estado nacional. Discutiu-se, até o momento, que o *Meta* propõe povoar o cotidiano de sua audiência com novos artefatos interconectados entre si e com a vida de seus proprietários pessoais, coletando seus dados, sistematizando-os e colocando-os a serviço da própria dinamização de suas vidas. Portanto, a capacidade de imersão nessa nova etapa dependeria, num primeiro momento, de uma extensa e intensa substituição de aparatos tecnológicos corriqueiros (geladeiras, máquinas de lavar roupa, etc.) “ultrapassados” pelos novos, digitais, aptos à conexão com a rede mundial de computadores. Olhar o Brasil contemporâneo, nas circunstâncias econômico-políticas em que se encontra, apresenta a inviabilidade imediata dessa proposição, bem como seu absurdo.

O que o Brasil assimilou grandiloquentemente, nos últimos anos, foi um conjunto de serviços mediados pelas tecnologias da informação e comunicação, os quais estabeleceram redes de trabalhadores em condições precárias de realização de suas próprias atividades laborais, responsáveis pela logística de mercadorias (inclusive a mercadoria força de trabalho), os quais ainda se encontram destituídos de direitos trabalhistas e de regulamentações específicas para essa finalidade. O país tornou-se um grande *locus* de expropriação de trabalho excedente por parte dessas plataformas de tecnologia por meio da produção e reprodução, em novas condições, da superexploração do trabalho típica do capitalismo dependente. Segundo o relatório de 2021 da Fairwork, nos critérios de Remuneração Justa, Condições Justas de Trabalho, Contratos Justos, Gestão Justa e Representação Justa, em notas de 0 a 10, empresas como Rappi, Uber Eats e Get Ninjas sequer responderam, enquanto Uber, iFood e 99 ficaram com péssimas notas 2 (FAIRWORK, 2021). Tais demonstrações servem de ilustração para uma observação de Álvaro Vieira Pinto de que

o país atrasado precisa antes de tudo elevar as condições gerais de trabalho das massas, ou seja, alterar a forma das relações entre os homens no ato do trabalho, se quiser estar em situação de aproveitar fecundamente a tecnologia adianta de cada época, e sobretudo se pretender tornar-se também capaz de participar do processo de invenção tecnológica no futuro. São as modificações do regime de trabalho que, com a força de uma exigência material e não de mera transformação imitativa, derivada do desejo subjetivo de grandeza de minorias dirigentes, determinarão a solicitação de nova tecnologia, por ser realmente necessária à marcha do processo nacional (VIEIRA PINTO, 2005a, p. 301).

Em outras palavras, indica o filósofo isebiano, adequar-se às proposições do sr. Zuckerberg nos limites de nossa fronteira enquanto país soberano deveria passar, antes, pela avaliação criteriosa de quais foram os resultados de uma mera importação das TICs aqui colocadas em funcionamento para dinamizar a logística de mercadorias que ocorreu nos últimos anos e, com esse retrospecto, avaliar quais seriam as condições de ocorrer a assimilação de novas tecnologias sem repetir os mesmos percursos.

O entrave representado na própria dificuldade das massas trabalhadoras em trocar seus aparelhos domésticos por novos em meio à uma política reinante da fome resultaria justamente no efeito contrário ao desejado pelo sr. Mark Zuckerberg: a não adesão ao projeto não ocorreria pela falta de vontade, mas pela ausência de condições materiais para tal. Além disso, como se viu, as tecnologias de informação e comunicação anteriormente aqui instaladas serviram justamente para dilacerar as massas trabalhadoras do maior país da América Latina, por estarem desprendidas das necessidades das massas e atreladas às necessidades de produção e reprodução do capital.

À guisa de conclusão: poderia ser diferente?

O objetivo desse artigo, dentro do contexto em que ele se enquadra, é produzir um ensaio de reflexão, podendo ser constituído de fissuras internas que precisam ser trabalhadas pelo próprio autor na continuidade de sua aproximação com o objeto. Quis-se, nele, selecionar um fenômeno contemporâneo, a criação do *Meta* pela companhia de Mark Zuckerberg, bem como as projeções realizadas por ele para esse novo momento das forças produtivas, em que um maior número de tecnologias interconectáveis povoariam a existência humana, criando vínculos entre si e com a vida das usuárias e usuários da nova internet. Povoar a vida cotidiana de novos instrumentos interconectáveis colocaria novos complexos de problemas, certamente. Mas, atendo-se aos casos recentes – em que o Brasil assimilou TICs principalmente em setores como o de serviço – a partir de pesquisas críticas realizadas acerca dos desdobramentos para as massas trabalhadoras da gênese, estrutura e dinâmica imposta pelas empresas proprietárias dessas tecnologias, pergunta-se que condições distintas poderiam ser produzidas pelo *Meta* para que a experiência, enquanto país, de uma internet imersiva e presente no cotidiano das massas trabalhadoras (mais do que apenas pelas telas) não seria colocada à serviço de sua dilaceração em novos termos, “atualizando” a questão social no Brasil com o auxílio de novas tecnologias?

Mas, antes de mais nada, cabem algumas observações sobre a historicidade de nosso processo, enquanto país, de desenvolvimento da moderna cibernética. Aparecem como dadas, circunstanciais (e não como determinadas historicamente) as tecnologias de informação e comunicação que surgiram, nos últimos anos, vindas de fora ou implicadas por necessidades inautênticas de nossas classes dominantes, e que realocaram parcelas significativas de nossas forças de trabalho, reorganizaram processos produtivos inteiros ou parciais, modificaram a logística de mercadorias. Contudo, enquanto país, houveram iniciativas de criação de uma cibernética autônoma e autenticamente nacional, que se produziram em meio à uma “liberdade relativa” no seio da própria Ditadura militar por parte de agentes econômicos e políticos que levaram à frente, historicamente, o entendimento de que importância teria a cibernética para a reorganização mundial das economias nas décadas seguintes.

Organizadas na Coordenação das Atividades de Processamento Eletrônico (CAPRE) e depois na Secretaria Especial de Informática (SEI), essas forças produziram uma Política Nacional de Informática que tinha como princípio o desenvolvimento soberano de *hardwares* e *softwares*, a qual foi desmantelada, principalmente a partir da década de 1990. Depois de anos de negociações entre Brasil e Estados Unidos, esse último exerceu pressões econômicas (inclusive ameaças de sanções) para que as nossas classes dominantes não subsidiassem a continuidade de nossos projetos em informática desenvolvidos com a Computadores Brasileiros S.A. como iniciativa líder (BASTOS TIGRE, 1984; VIGEVANI,

1995). Nossa internet, por sua vez, se desenvolveu como iniciativa primordialmente por pesquisadoras e pesquisadores interessados em democratizar o acesso à ciência produzida em outros países, tendo movido esforços significativos para estabelecer vínculos com os projetos de interconexão desenvolvidos em universidades dos Estados Unidos e do continente europeu. O que existe, como resultado desse processo, foi um sequestro da internet comercial de uso pessoal pelos Estados Unidos, o controle por parte desse país da infraestrutura da internet no plano mundial e sua tutela comercial sobre os dados produzidos pelas usuárias e usuários em todos os países (CARVALHO, 2006; LUCERO, 2011).

O sr. Zuckerberg, proprietário majoritário do *Meta*, companhia estabelecida no país que historicamente controla a internet comercial de uso pessoal; o *Meta*, que esconde hoje uma história recente de manipulação de processos eleitorais e deliberativos em países como Estados Unidos, Reino Unido e Brasil quer hoje povoar o mundo com novos aparatos tecnológicos aptos a recolher dados de seus usuários e usuárias com a promessa de preservar a privacidade e a segurança digital de sua audiência. Mais do que uma agenda teórica, consiste numa agenda política debater, enquanto país, a possibilidade de que o *Meta* e outras empresas de tecnologia aqui se instalem para explorar a internet imersiva que se promete com a *Web 3.0* e suas aplicabilidades. Passamos por processos históricos em que a decisão foi submeter nossas massas ao jogo do mercado internacional de tecnologias, mas o futuro não precisa estabelecer com o passado apenas relações de continuidade, podendo também nesse processo existirem as necessárias rupturas. É preciso refletir nossas necessidades, enquanto país, e como as tecnologias que temos exercem importância para resolvê-las – não no sentido de dilacerar as classes trabalhadoras, mas para fazer justamente aquilo para que são produzidas as tecnologias: tornar menos penosas as relações estabelecidas entre o ser social e a natureza.

Referências bibliográficas

- ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018
- BASTOS TIGRE, P. **Computadores brasileiros**: indústria, tecnologia e dependência. 1. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1984.
- BOLAÑO, C; VIEIRA, E. **Economia Política da Internet**: sites de redes sociais e luta de classes. Anais Intercom - XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus: 2012. Disponível em <<https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/2168>>. Acesso em out. 2020.
- CARVALHO, M. S. R. M. **A trajetória da internet no Brasil**: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança. 2006. 239 p., Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

DANTAS, M. **A lógica do capital-informação**: a fragmentação dos monopólios e a monopolização dos fragmentos num mundo de comunicações globais. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

FAIRWORK, INSTITUTO. **Fairwork Brasil 2021**: Por Trabalho Decente Na Economia De Plataformas. 2021. Disponível em < <https://fair.work/wp-content/uploads/sites/131/2022/03/Fairwork-Report-Brazil-2021-PT-1.pdf>>. Acesso em mai. 2021.

LUCERO, E. **Governança da Internet**: aspectos da formação de um regime global e oportunidades para a ação diplomática. 1. ed. Brasília: Função Alexandre de Gusmão, 2011.

LUKÁCS, G. Para uma ontologia do ser social (vol II). 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARQUES, I. C. **O Brasil e a abertura dos mercados**: o trabalho em questão. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

MEDINA, E. **Cibernetical revolutionaries**: technology and politics in Allende's Chile. 1. ed. Massachusetts: MIT Press, 2014.

PETERS, B. **How not network a nation**: the uneasy history of the soviet internet. 1.ed. Massachusetts: MIT Press, 2017

VIEIRA PINTO, A. O Conceito de Tecnologia (2 volumes). Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

VIGEVANI, T. **O contencioso Brasil x Estados Unidos da Informática**: uma análise sobre formulação da política exterior. São Paulo: Alfa-Ômega: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.